

Arte como experiência em uma Abordagem Triangular ou sobre o ensino de pintura em zigue zague

Jociele Lampert 

(Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC, Florianópolis/SC, Brasil)

Raony Robson Ruiz 

(Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC, Florianópolis/SC, Brasil)

RESUMO — Arte como experiência em uma Abordagem Triangular ou sobre o ensino de pintura em zigue zague — O presente artigo objetiva articular os conceitos da Abordagem Triangular da autora brasileira Ana Mae Barbosa com o de Arte como experiência do filósofo americano John Dewey, para analisar a prática docente como investigação realizada pelo/a artista professor/a pesquisador/a no contexto do ensino de pintura. Para tanto desenvolvemos partindo dos autores citados, uma pesquisa experimental que tenciona a prática docente e a prática artística, constituindo-se de metáforas e desafios, em meio ao zigue e zague na Abordagem Triangular.

PALAVRAS-CHAVE

Artes visuais. Abordagem Triangular. Experiência. Pintura. Arte Educação.

ABSTRACT — Art as experience in a Triangular Approach or painting teaching in a zig-zag — This article aims to articulate the concepts of the Triangular Approach of the Brazilian author Ana Mae Barbosa with the Art as an experience of the American philosopher John Dewey, to analyze the teaching practice as an investigation developed by the artist teacher/researcher in the context of painting teaching. For that, we developed, starting from the cited authors, an experimental research that intends the teaching practice and the artistic practice, consisting of metaphors and challenges, in the midst of the zig and zag of the Triangular Approach.

KEYWORDS

Visual arts. Triangular Approach. Experience. Painting. Art Education.

RESUMEN — El arte como experiencia en un Enfoque Triangular o sobre la enseñanza de la pintura en zig zag — Este artículo tiene como objetivo articular los conceptos del Enfoque Triangular de la autora brasileña Ana Mae Barbosa con el de Arte como experiencia del filósofo estadounidense John Dewey, para analizar la práctica docente como una investigación realizada por el artista profesor/ investigador en el contexto de la enseñanza de la pintura. Por lo tanto, desarrollamos a partir de los autores mencionados, una investigación experimental que pretende la práctica docente y la práctica artística, consistente en metáforas y desafíos, en medio del zig zag del Enfoque Triangular.

PALABRAS-CLAVE

Artes visuales. Enfoque triangular. Experiencia. Cuadro. Educación artística.

Arte como experiência e vice-versa

Considerando nossos estudos, o propósito de John Dewey centrou-se na reconstrução da filosofia, da tradição *versus* inovação, ou ainda, na problematização de noções de paradigma e suas tensões, a saber, a noção de experiência como caráter social (ou com caráter de interação e continuidade). Para tal, compreendemos o processo criativo como a criação de hipóteses, teses, problemas, soluções, métodos e ferramentas, ou mesmo o processo investigativo como experiência estética (a docência é um processo investigativo).

Para situarmos a Abordagem Triangular em nossa pesquisa optamos por adensar os modos de agir, fazer, sentir em consonância com o zigue-zague proposto por Ana Mae Barbosa em entrevista para a Revista Apotheke em 2016. Ou seja, no planejamento do/a professor/a, já é possível identificar em suas escolhas (assuntos e temas) a forma de conduta dessa triangulação, seguindo também, um posicionamento baseado em Freire (1987) de que ensinamos o que sabemos, o que sabemos é o que conhecemos, o que conhecemos é o que sentimos, o que sentimos é o que fazemos e assim por diante.

Dewey apresenta várias complexidades, já destacadas por diferentes estudiosos. Nesse sentido, em nosso ponto de vista, há dois elementos cruciais a serem considerados neste texto: Dewey usa a palavra arte de maneira um tanto ambígua; por outro caminho, as relações entre experiência e arte não foram exaustivamente consideradas e, ainda é o ponto de nosso interesse e estudos. Em Dewey (2010) podemos identificar duas linhas frente ao conceito de arte: um fio amplo relacionado a dimensão prática e transformadora da ação e um segundo que refere-se as artes visuais como prática artística e ação criativa. Propomos uma interação: entender a experiência em termos de arte (sentido amplo) e as ações artísticas (sentido restrito) em termos de experiência e desta forma, tencionar a Abordagem Triangular como caminho intrínseco ao tema relacionado a arte como experiência.

Para compreender o processo criativo que permeia a investigação, temos estudado os tópicos lançados por Dewey (2010): o papel da arte na sociedade, a atitude do museu, a origem da arte e a criatura viva, experiências *versus* experiência, arte *versus* obra de arte. Tais tópicos desvelam a relevância da arte para o contexto social, político e histórico, bem como, ressignificam o lugar e a figura do artista, rejeitando o conceito de belas artes. Essa dinâmica traz à cena pedagógica o próprio cotidiano, evidenciando a escuta coletiva e a afetividade, no qual compartilhar é interagir, em que a aprendizagem ocorre pela reconstrução consciente da experiência, ou da associação, integrando uma coisa à outra e não excluindo ou classificando apenas conceitos díspares. Não se trata em encontrar respostas, mas obviamente, em ativar a criatividade, a reflexão por meio de ações que deambulam sobre os problemas, ou seja, trata-se de encontrar mais problemáticas cujo conhecimento produzido em dinâmicas ativas volta-se à vida em sociedade.

A arte como experiência no sentido de prática, enfatiza o enraizamento nas condições da vida cotidiana, considerando que ver a arte como experiência — e vice-versa — permite a compreensão de sua posição sobre a noção de experiência e sua teoria ou prática artística. A experiência é arte no sentido da prática.

A experiência como Abordagem Triangular

A experiência como Abordagem Triangular requer a construção de ideias (ação, pensamento, sentimento), enquanto comunicação de hábitos e ocupações (enfoque filosófico e transacional) sobre o processo criativo. Aprender fazendo refere-se à ação inteligente, instauração de pensamento crítico e reflexivo, engajamento e ação inteligente. Não tem a haver com treinamento ou fazer pelo fazer ou fazer sozinho.

Imbricar a forma como investigamos determinada imagem, ou como propomos desafios (e não atividades), contextualizando os espaços e tempo do fazer artístico, enquanto prática social (relacional e colaborativa), gerando

interação, interesse e continuidade, é o ponto que poderá unir a constituição da Abordagem Triangular à arte como experiência.

O caminho metodológico apontado por Ana Mae Barbosa (1998), sistematizado como Abordagem Triangular, pode ser baseado em três eixos: leitura de imagem, contextualização e fazer artístico. Estes eixos são entendidos como processos mentais, não sendo possível criar hierarquias entre estes elementos. Ou seja, cada um propicia diferentes formas de refletir e agir sobre a imagem e a produção artística e suas reflexões sobre aspectos históricos e contextuais. Por este motivo, a autora enfatiza que a Abordagem Triangular não deve ser entendida como algo fixo, rígido, ou mesmo um passo a passo, e sim construída pelo professor/a em seu planejamento e prática de ação, sendo que podemos nomear de metodologia, o que cada professor/a constrói em sua sala de aula, de acordo com suas singularidades e contextos gerativos.

Segundo Barbosa (1998), a Abordagem Triangular propõe um olhar investigativo para a imagem (e não contemplativo). Uma obra de arte ou uma imagem em revista são elementos históricos e culturais construídos a partir de uma linguagem visual e representam modos de ser, pensar e fazer. Neste sentido, no ensino das artes visuais o planejamento do professor/a necessita desenvolver um olhar reflexivo para as imagens que nos cercam e para tanto, é necessário compreender o contexto em que a imagem foi realizada, por quem foi criada em que momento histórico (contextualização). É necessário apresentar aos/as alunos/as diversas imagens sobre uma mesma temática ou assunto e incentivar o olhar investigativo para os elementos visuais, assim como, para os discursos que estes produzem (leitura de imagem). Por fim, a prática artística é relevante para empoderar o processo de criação e a partir disto os/as alunos/as se contextualizarem no mundo, a prática artística proporciona corpo e vida ao conhecimento teórico. Contudo Barbosa (1998) é enfática ao propor que a prática artística não limita-se a cópia de obras clássicas ou ao livre fazer, se faz necessário desenvolver a criatividade, assim como o pensamento poético (fazer artístico).

Aqui cabe um desvio para o conteúdo de tradução, ao qual os pressupostos de Dewey (2010) nos empurram. Para traduzir¹ precisamos estudar, conhecer e desconfiar de outros modos e formas, para desenvolver um processo criativo com metáforas que tenham produção de sentido, precisamos desconfiar, questionar e agir sobre o problema. No sentido que a resolução da problemática, encontrará outros problemas. Então, em uma abordagem que contextualiza a prática social como experiência, também condiciona a forma como percebemos nosso olhar, como nos educamos e nos desafiamos a habitar um tempo repleto de problemas.

A abordagem proposta por Barbosa (1998), como explicado, não coloca a obra de arte em um pedestal, retirada do seu tempo, sem debate ou análises, nem busca uma reprodução mecânica de referências clássicas, como na Pedagogia Tradicional. Também não busca retirar da sala de aula modelos externos para focar somente na produção dos/as alunos/as, como na Pedagogia Nova. A Abordagem Triangular põe a imagem à crítica, à análise e ao debate pela sua história e pelos seus elementos visuais, e busca desenvolver uma prática contextualizada e mediada pelo/a professor/a.

Desta forma, se pensarmos o/a artista e sua obra, a poética enquanto relação de diálogo do processo criativo no fazer plástico e em correlação, pensarmos a questão do/a professor/a e suas articulações na ação pedagógica, certamente encontraremos processo criador. Não é o processo de construção plástica, mas sim a poética do ato criador exercido no cotidiano da sala de aula, isto denota pensar o processo artístico paralelo às questões que permeiam o ensino da arte. Trataremos deste modo a docência como um processo investigativo, no qual o/a professor/a artista pesquisador/a também tenciona seus objetos, temas e assuntos, anterior ao espaço da aula, isto evidencia um aspecto metodológico de uma pré-coleta de dados na qual “ensaio” em micro espaços e tempos, a Abordagem Triangular. Estas ações condiz com o que Dewey (1979) define como pensamento reflexivo, ao expor que este emerge a partir de uma dúvida que impulsiona o sujeito para, a partir desta situação problemática, iniciar

um processo de investigação e pesquisa, explorando hipóteses, ações e consequências para por fim, desenvolver uma ação no mundo em busca de solucionar o problema ou desafio inicial.

A Abordagem Triangular pode ser vista como um zigue-zague propiciado tangencialmente entre o fazer artístico, a leitura de imagem, o contexto sociocultural e a cultura visual, como objeto dos estudos visuais, ancorada na arte como prática social em uma investigação contextual e relacional ao passo que faz tessituras, entre o que é articulado como micro e macro, ou global e local, meu e dele/a.

Assim, é papel do campo de conhecimento das Artes Visuais gerar novas problemáticas e tendências aos sistemas de produção e recepção: tencionar acesso, gestar a produção, divulgação, legitimação e circulação do conhecimento, não de informação apenas. Somente assim será possível impulsionar formas de aprendizagens autônomas e colaborativas centrando na indagação ou questionamento em dinâmicas contextuais. O que se busca é compreender a forma como se constituem o efeito de sentido, ou como se dá significado às coisas no mundo em que vivemos.

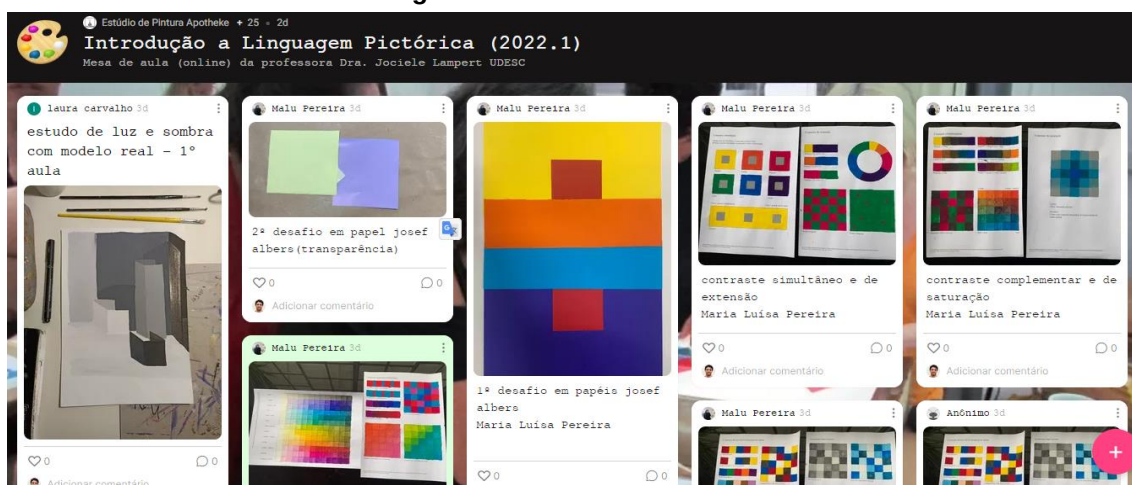
O zigue zague no ensino da pintura

Considerando o contexto do estúdio de pintura como um lugar de estudos, onde o objetivo é trabalhar a unidade entre teoria e prática, objetivando a formação de artistas, professores/as, pesquisadores/as podemos considerar a seguinte questão: qual é a finalidade da educação na arte uma vez que a arte afirma sua própria autonomia em relação às instituições que a privam de seus direitos? E desta forma, consideramos que a arte e educação são ações autônomas que convergem por uma razão (o que nomeamos de arte educação) e assim, entendemos as implicações amplas e institucionais - isto é na escola, no museu, na indústria cultural, na elaboração política. Também consideramos o dilema para a arte e para a educação, no qual há uma natureza autônoma da arte e da educação e o contexto díspare em que operam juntas. Isto nos apresenta um conjunto de possibilidades de

adensamentos teóricos e práticos, sobretudo quando observamos a construção do conhecimento na prática artística e na prática docente.

Assim no estúdio como um lugar de estudos, seguindo os pressupostos de Dewey, podemos ponderar a prática experimental no momento da ação (em que os desafios são apresentados), ou mesmo quando são avaliados em um momento que nomeamos de clínica de obra, no qual contextualizamos o que foi feito partindo dos materiais e de quem produziu (produção de sentido partindo do individual ao coletivo), pois neste momento, também apreendemos percepções quando escutamos os processos do outro. Também salienta-se a estratégia de pesquisa que antecede a prática dos/as estudantes, quando o/a professor/a adensa o conteúdo por meio de prática experimental (em conjunto com a pesquisa bibliográfica, há a pesquisa de materiais, e a pesquisa sobre abordagens e meios de desenvolver o assunto e o tema). E ainda há possibilidade de gerar a continuidade após as ações planejadas, pelo âmbito tecnológico envolvendo um trabalho de mediação. Após dois anos de pandemia nos quais professores e professoras foram obrigados/as a se inserirem no mundo virtual para exercerem suas funções diversas ferramentas virtuais foram inseridas no cotidiano educacional, plataformas como a da Figura 1, possibilita que a interação, troca, comentários e análises continuem a ocorrer mesmo após o encerramento da aula.

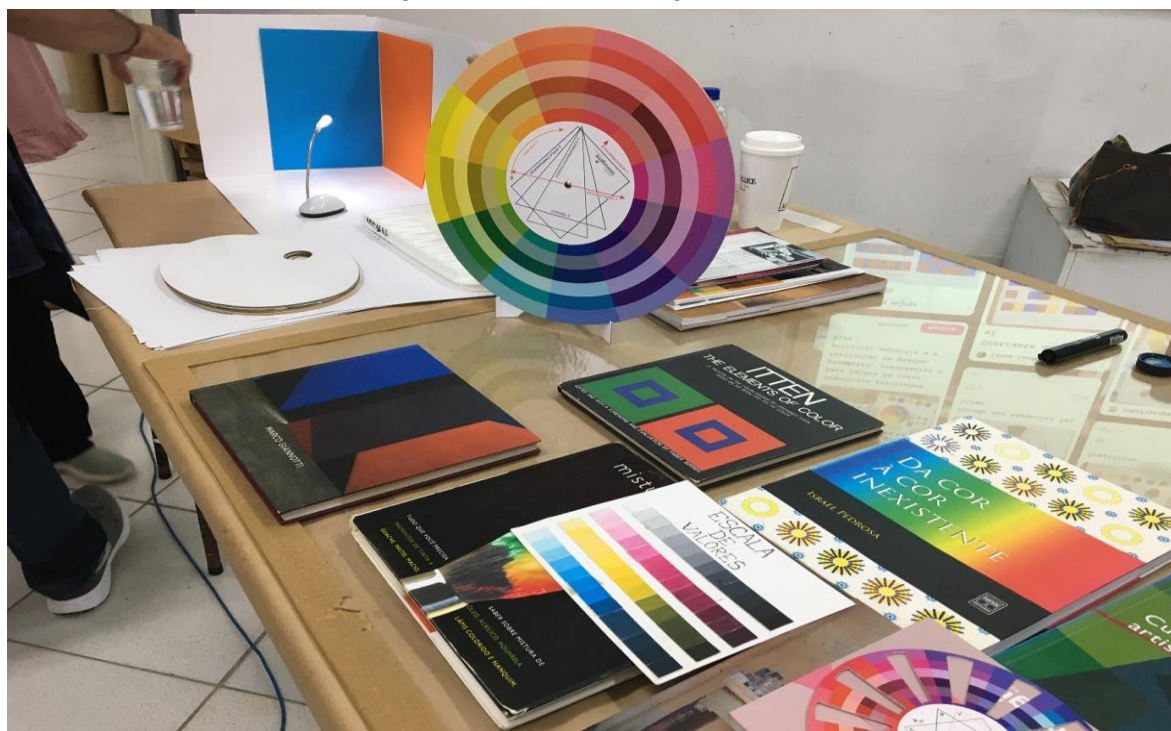
Figura 1 — Mesa ateliê online



Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke 2022.

No âmbito da leitura de imagem nossas escolhas implicam evidenciar a deambulação do/a artista professor/a, em articulação entre prática artística e prática docente. Citamos exemplos sobre os mestres da cor, ancorados na Bauhaus: Johannes Itten, W. Kandinsky, P. Klee e Josef Albers. Imagens de suas produções, imagens deles enquanto docentes e imagens de suas produções que evidenciam como eles pesquisavam. Contextualizamos os referenciais bibliográficos atuais, com procedimentos e estudos da linguagem visual, que aproximam de nossa atualidade. Para além das referências bibliográficas, buscamos apresentar outros artistas que articulam estudos de cor (no Brasil, América Latina, Estados Unidos e Europa). Apresentamos sites, redes sociais e textos críticos e buscamos escritos de diário destes/as artistas (que na maioria das vezes são docentes também ou estiveram como docentes em diferentes situações). Intencionamos criar imagens por meio do conteúdo, quando lemos os diários dos/as artistas professores/as. A Figura 2 apresenta a mesa ateliê, na qual os/as alunos/as podem interagir com os textos e as referências visuais na sala de aula.

Figura 2 — Mesa Ateliê presencial



Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke 2022.

No âmbito do fazer artístico, demonstramos o uso de procedimentos, apresentamos materiais e suas possibilidades de uso. Incentivamos a pesquisa sobre os materiais, por termos consciência de que é por meio da pesquisa que podemos ajustar, mudar, alterar e buscar outros modos de fazer. Chamamos de desafios (como Josef Albers chamou) as proposições em sala de aula, por compreendermos que não há uma única forma ou modo de fazer e sim, o adensamento do processo, é que gera a aprendizagem significativa. Neste momento percebemos a excitação, a dúvida, a tomada de decisão, os medos, incertezas, lutas, embates, mas também, presenciamos as tentativas, as saídas, o meio a forma como diferentes soluções não chegam em uma mesma resposta, e sim, derivam em outras problemáticas. Neste sentido, apontamos uso de traduções¹, montagens, justaposições como caminho para exercício de um desafio. As figuras 3 e 4 apresentam os/as alunos/as em processo de investigação para resolução do desafio, no caso, análise de cor com a técnica de colagem a partir da observação de uma natureza morta, para a propor este desafio partimos dos estudos sobre a interação da cor do artista professor Josef Albers. O uso de colagem¹ tem o propósito de evidenciar a transformação da cor a partir da aproximação ou sobreposição de cores e não pela mistura de tintas. Com esta ação objetivamos desenvolver um olhar atento para as nuances de cores que surjem no modelo observado.

Figura 3 — Estudo da cor a partir da colagem I



Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke 2022.

Figura 4 — Estudo da cor a partir da colagem II



Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke 2022.

No âmbito da contextualização, apresentamos como na Figura 5 a construção de cenas pedagógicas, bem como, da mesa ou parede como o que nomeamos de clínica de obra. A cena pedagógica é parte da nutrição estética da aula, é o momento em que há interesse, o mesmo assunto visitado de formas e meios diferenciados. Ferramentas e procedimentos, exemplos e meios (inclusive tecnologia), tornam-se materiais educativos advindos de pesquisas anteriores, inclusive aulas anteriores. Apresenta-se a continuidade como possibilidade de trabalho (desdobramento), e possível potencial criativo e crítico. Também, salientamos a relevância da escuta pedagógica para a clínica de obra na prática pictórica, sendo que não há trabalhos ou processo que serão descartados e sim, meios para serem desdobrados e questionados e re-ajustados. Neste momento também há um encorajamento para a construção de pesquisa em interlocuções pictóricas evidenciando, outros modos de fazer e construir.

Figura 5 — Momento clínica de obra



Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke 2022.

Considerando o contexto em que nos situamos decorrente da pesquisa experimental, frente a formação inicial, temos estados ou ferramentas que podem ser articulados em consonância com a Abordagem Triangular, são estes: a ambiguidade, a geração de ideias e a interdisciplinaridade.

A ambiguidade pode tratar de incluir, de mesclar, de olhar diferente, de concentrar em diferentes eixos de ações. Um caminho randômico de escolhas frente ao que ensinar, como ensinar e onde ensinar. Mas também, como aprendo, o que aprendo e onde aprendo. E ainda, para que ensino e para que aprendo. A ambiguidade é margem crítica que desejamos alcançar, é a forma como articulamos e como desejamos incentivar e encorajar que estudantes, artistas professores/as, pesquisadores/as sejam imponderados/as para talvez, tecer condições reflexivas e críticas, em suas práticas, sejam elas artísticas ou docentes.

A geração de ideias, é uma ferramenta básica em um processo criativo. Trata-se de criar evidências. Gerar ideias visuais, reais e mapear circunstâncias, conteúdos e abordagens, é parte do processo de aprender a fazer perguntas, reconhecer problemas e encontrar saídas díspares. A geração de ideia é uma prática na qual podemos visualizar o caminho da pesquisa (pinturas, desenhos, mapas, cartas, cadernos, esboços, rascunhos arquivos, acervos, notas, diários, etc.). Porém a geração de ideias só servirá se for acessada (não adianta termos as imagens e os meios, se não usamos, desenvolvemos e praticamos). A Figura 6 apresenta o desafio de analisar as interações das cores a partir do efeito de transparência. Neste os/as alunos/as precisavam investigar as mudanças que ocorriam na cena considerando a incidência da luz, rebatimento, transparência, buscando identificar os diferentes tons de laranjas, verdes e amarelos que surgiam a sua frente.

Figura 6 — Estudo interação da cor



Fonte: Estúdio de Pintura Apotheke 2022.

Sobre a interdisciplinaridade e a capacidade de continuidade e raciocínio, salientamos as formas de borrar as margens, adensar e viver outros meios técnicos que também, evidenciarão outros processos e acabarão entrelaçando as diferenças (podem ser as interlocuções ou diferentes formatos de articulação sobre o que fazemos).

Estamos cientes de que há uma tradição pictórica e historiográfica que confere conteúdo ao percurso curricular (ementas e projetos), porém também, estamos cientes de que uma formação inicial de professores carece de abordagem metodológica engendrada com a contemporaneidade, com a possibilidade real de

uso formativo para resoluções de problemas. Desta maneira, mesmo que, o desejado não seja um único meio ou saída para a problemática, o que de certa forma, convida a uma atitude filosófica também, entendemos que a arte como experiência dialoga com a Abordagem Triangular como meio para desenvolver o ensino das artes visuais como processo investigativo, com unidade entre teoria e prática.

Conclusão

Em entrevista realizada para a Revista Apotheke (2016), a professora Ana Mae Barbosa, questionada sobre a prática artística na perspectiva do artista professor pesquisador, salientou que se deve dar ênfase em aspectos que envolvem o processo, a técnica e a consciência do que é feito e praticado. E sobre ser artista professor/a, sinaliza a função do desenvolvido da construção pessoal (que interessa-se pela visualidade e pela educação) e que poderá influir sobre crianças e adolescente, tendo sua unidade no trato pedagógico ou em cenas que evidenciam a construção de um pensamento plástico, crítico e reflexivo.

O Beuys é um exemplo clássico desse que fazia das suas performances já um trabalho educacional. Que propunha certas performances aos seus alunos que eram o próprio trabalho educacional dele de artista. Dizem que ele fazia, por exemplo, o Kiefer andar a pé uma enorme distância até chegar a casa dele para eles discutirem a Arte, falarem sobre Arte. Ele dizia que aquela caminhada, era e fazia parte do processo educacional. Então, eu acho que hoje os artistas estão muito conscientes disso, de que é possível ser um artista e o seu trabalho de artista ser um trabalho educacional, considerarem assim. E também o seu trabalho de educador ser considerado Arte, vice-versa, as duas coisas. Mas eu acho bem possível isso, e também acho que é possível você ser só um educador e trabalhar com Arte. Acho importante sempre trabalhar com artes, sempre tentar fazer alguma coisa, não para mostrar. (APOTHEKE, 2016 p. 6)

Na mesma entrevista, Ana Mae Barbosa apresenta a Abordagem Triangular como uma bússola (citando a professora Regina Machado), enfatizando não um caminho fixo, ou feito de uma única forma apenas, e que não é um tipo de releitura ou cópia (como alguns cismam em identificar). Salienta a abertura para usos de imagens que articulam sistemas e legitimam visualidades, e finaliza sobre a contextualização:

Então, acho a contextualização absolutamente básica para qualquer tipo de aprendizagem, especialmente a da imagem, que você não traduz facilmente por palavras, nem a função do Ensino da Arte é fazer traduzir em palavras as imagens. Mas é importante também que você construa verbalmente um equivalente de interpretação pela imagem. (APOTHEKE, 2016 p. 11)

Neste sentido coloca-se o desafio como forma de mediação ou proposição para a experiência, bem como, potência para o desenvolvimento crítico e reflexivo, mas sobretudo, com possibilidade para invenção e criação, como forma de habitar o mundo por meio de fricções, pois é apenas partindo da percepção de problemas, que adensamos o olhar sobre nós e nosso contexto, e só adensamos o olhar se articularmos processos de criação em colaboração com o Outro, aprendemos por associação e nunca sozinhos e sempre com algo vivo em nosso contexto.

Nota

¹ Sobre metodologia de colagem, justaposição e tradução ver Lampert (2009).

Referências

- APOTHEKE, Revista. Entrevista com Ana Mae Barbosa. *Revista Apotheke*, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina v. 3, n. 2, páginas 146 — 156. Julho de 2016. DOI: 10.5965/2447267222016146.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte. Coleção Arte & Ensino, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DEWEY, John. *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- DEWEY, John. *Arte e experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. *Metodologia do Ensino de Arte: Fundamentos e Proposições*. São Paulo: Cortez, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- LAMPERT, Jociel. *Arte contemporânea, cultura visual e formação docente*. 2009. 159f. Tese (Doutorado Escola de Comunicações e Artes - ECA). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- MAARHUIS, Patricia Louise; RUD, Anthony Gordon; *Imagining Dewey: Artful Works and Dialogue about Art as Experience*. Ed. Sense Publishers, 2020.

Jociele Lampert

Desenvolveu pesquisa como professora pesquisadora visitante no Teachers College na Columbia University na cidade de New York como Bolsista Fulbright (2013), onde realizou estudo intitulado: *Artist's diary and professor's diary: roamings about painting education*. Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2005). Possui Graduação em Desenho e Plástica Bacharelado em Pintura, pela Universidade Federal de Santa Maria (2002) e Licenciatura também pela Universidade Federal de Santa Maria (2003). Professora Associada na Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC, como orientadora na Linha de Pesquisa de Ensino das Artes Visuais e na Graduação em Artes Visuais DAV/UDESC. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura UFSM/CNPq. Membro/Líder do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens UDESC/CNPq. Coordenadora do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC). É Editora Chefe do Periódico Revista Apotheke. Foi coordenadora de Pós-Graduação em Artes Visuais PPGAV/UDESC (2017 - 2020). Tem experiência na área de Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: pintura, arte e educação, formação docente. É membro associado da ANPAP. Site: www.jocielelampert.com.br e www.apothekeestudiodepintura.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>

E-mail: jocielelampert@uol.com.br

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225>

Raony Robson Ruiz

Mestrando na linha de Ensino das Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) 2021. Graduado no curso de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) 2016. Atuou como professor de História da Arte em cursos preparatórios para vestibular, professor da disciplina de Artes em escola municipal de Maringá (2016) e como professor da rede Sesi Internacional de Maringá (2020). Membro do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens, UDESC/CNPq, membro do Projeto de Ensino e Extensão Estúdio de Pintura Apotheke, UDESC/CEART, do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke UDESC/CEARTE e membro da equipe editorial da Revista Apotheke UDESC/PPGAV, ISSN: 2447-1267. Desenvolve pesquisa no campo da Arte Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8154-0249>

E-mail: raony.ruiz@hotmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0665626305542666>

*Recebido em 5 de junho de 2022
Aceito em 29 de junho de 2022*

